

# RESPIRAÇÃO EXTÁTICA

**Casé Lontra Marques**

— A — CORPO DE CONTENÇÕES:

Não me afasto da sua fala,  
do sulco  
na safra da sua fala

(enquanto  
resisto ao emparedamento)

encontro  
na sua voz uma vibração  
longínqua  
mas luminosamente tensa:

uma  
vibração indecisa

sobretudo  
quando adversa:

como conviver  
com  
a velhice — a minha velhice —

que  
não quero decrépita?

cauterizar

as feridas que catalisam

a fossilização

(contra os rumores

de

seus remorsos)

repudiar

as pedras com que preenchemos

a boca

eliminando

as cinzas

de

nossa subsistência?

— B — CORPO DE CONFLUÊNCIAS:

Recebemos a noite sem pressa

agasalhando

os gestos que se revezam

nas

guaritas de uma infância atônita

prestes

a condescender com a herança

alheia

à anemia — quase mútua —

cujas

siglas nos amparam

em meio à afasia?

numa

intimidade inerte — mas implosiva —

reavivaremos as lesões

das línguas

que

nos aliam

ao atordoamento

— não

ao pânico — difuso —

de que somos

o

combustível

de novo

propício?

as lesões das línguas

que incendeiam

órgãos

antes inexistentes

(diante de uma ameaça menor:

a certeza

de que nada nos invade

— exceto os sons  
de  
que nos ausentamos —

quando  
não estamos aflitos)

— C — CORPO DE COMPULSÕES:

Posso nos descrever — da mesma maneira —  
como  
se estivéssemos apenas

a recordar quantas manhãs  
foram  
modeladas para que se suportasse

a insônia  
que tanto respeitamos

quantos modelos  
desenhados, quantos moldes

destruídos

porque não se adequaram  
ao  
cotidiano

a que nunca nos adaptamos

— imune  
à miséria — o que responderia:

continuaremos

a nos proteger

da contaminação?

rondando a morte

(sem

identificar a nossa ossada)

perdemos

um

pouco mais

do pavor

de

nossas palavras?

rondando

a morte conseguiremos

recepcionar

o cadáver que antecipamos

com

exigente

empenho?

ainda

que se prossiga —

já atingimos

— por  
precaução —

a indignância?

— D — CORPO DE CONTINGÊNCIAS:

Até que nos erguemos sobre o estrado  
onde resgatar  
as raivas que escavam a superfície  
das meninges

(adiando  
as defasagens do desamparo)

como a solidão  
que  
nos antecede

— calados, convalescemos? —

apesar  
dos atos que nos reúnem

(turbando  
a oscilação dos obstáculos)

recorremos

aos  
eventos do passado

sem regressar

ao

presente dos eventos

que nos surpreendem

com

uma carência

inexpressiva:

quando o tempo não mais nos distrai

traímos

a concentração que desidrata

o fôlego atraindo

— para

longe do tempo —

o tempo que se contrai

quando

apresentamos

ao tempo (que os lapsos estendem)

um

outro desconforto

quando

dispersamos

— por

murmúrios —

o rosto

contra a atrocidade

de

um tempo que não perturbasse

as têmeoras

onde

persistem pelo menos os destroços

latentes

de uma dúvida

atenta

(seria

insuportável a insuficiência

se o signo

que nos origina

não selasse

com

o nosso desaparecimento

a

sua assinatura)

---

**Casé Lontra Marques** nasceu em 1985. Publicou: *Movo as mãos queimadas sob a água* (2011); *Saber o sol do esquecimento* (2010); *Campo de ampliação* (2009); *Mares inacabados* (2008). Do autor: [caselontramarques.blogspot.com.br](http://caselontramarques.blogspot.com.br).